



ALIANÇA DO MAR NEGRO(*)

Therezinha de Castro

A Aliança do Mar Negro, assinada a 25 de junho de 1992, por onze chefes de Estado e de Governo de países que vão dos Balcãs ao Cáucaso, propõe-se a ser uma réplica do leste europeu à CEE.

Neste artigo, são analisados os aspectos geopolíticos mais significativos da região abrangida pelo projeto.

Dos quatro eixos idealizados, em 1937, por Haushofer, dois já estão delineados: o da Eurásia, que na prática atende pelo nome de CEE (Comunidade Económica Europeia) e o da Co-Prosperidade Asiática liderada pelo Japão. O da Pan-América encontra-se na fase dos blocos regionais: O NAFTA, com a união Estados Unidos-Canadá-México, e o MERCOSUL, integrado pelo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Ainda embrionário, se encontra o Eixo da Pan-Rússia com a *Cooperação Económica do Mar Negro*, inspirada na CEE, assinada a 25 de junho de 1992 por onze chefes de Estado e de Governo de países que vão dos Balcãs ao Cáucaso. (Mapa 1)

Uniram-se onze países que, em palácio nas margens do Bósforo, na cidade de Istambul, que já teve os nomes de Bizâncio e Constantinopla, viram seus representantes sentarem-se lado a lado, esquecidos dos grandes problemas que os separam. Assinaram a *Declaração de Istambul, proposta pela Turquia*, que prevê a colaboração do grupo em questões de política externa, transportes e comunicações, pretendendo ainda a criação de um Banco Central. Durante os seis primeiros meses, caberá a presidência ao Governo de Ancara.

Dos onze países, apenas quatro não possuem litoral no Mar Negro, que dá nome à Aliança, como grande via que une a Europa à Ásia.

Observamos, assim, que além dos países limítrofes, a Aliança do Mar Ne-

(*) Selecionado pela PADECEME

ALIANÇA DO MAR NEGRO



PAÍSES	ÁREA (km ²)	POPULAÇÃO (Milhões)	RENDA PER CAPITA (US\$)
Rússia	17.075.400	147,3	4.600
Turquia	779.452	55,3	1.360
Ucrânia	603.700	51,7	3.900
Rumânia	237.500	23,1	2.400
Grécia	131.957	10,0	4.300
Bulgária	110.994	8,9	2.320
Azerbaidjão	86.600	7,1	3.750
Geórgia	69.700	5,4	4.410
Moldávia	33.700	4,3	3.830
Armênia	29.800	3,3	4.410
Albânia	28.748	3,2	930

gro inclui a Albânia, no oeste da Península dos Balcãs, vizinha da Grécia, também dependente do Mediterrâneo; voltado para o Cáspio, encontra-se o Azerbaidjão, e, comprimida entre a Ucrânia e Rumânia, a interiorizada Moldávia.

O Mar Negro tem, como países ribeirinhos, além da Rússia, a Turquia e a Ucrânia, do lado dos Balcãs, a Rumânia e a Bulgária, encontrando-se na Caucásia a Geórgia e a Armênia.

Ponto Euxino dos antigos, o *Mar Negro* tem salinidade relativamente fraca, a despeito de receber uma corrente vinda do Mediterrâneo. Assim, a forte proporção de hidrogênio sulfuroso impede qualquer forma de vida além dos 150 metros de profundidade. O *Mar de Azof*, sua dependência no norte, apresenta profundidades raramente ultrapassando os 50 metros. Já a Bacia do Negro, sobretudo no setor meridional, conta com profundidades que ultrapassam os 2.000 metros.

Nesse conjunto, dentro do enfoque geoestratégico, o destaque é para os *Estreitos de Dardanelos e Bósforo*, assinalando o início e o fim do Mar de Marmara, entre o Egeu e o Negro. (Mapa 2)



A importância dessas passagens tomou vulto no século XVIII, quando a Rússia atingiu o Mar Negro, aspirando o Mediterrâneo. Assim, em 1774, pelo Tratado de Kutchk-Kainardji, o Império Otomano autorizava ao Moscovita o livre trânsito a seus navios mercantes. Mais de meio século depois, num ato de precaução, as potências da época — França e Inglaterra — conseguiram do Império Otomano o Tratado dos Estreitos, firmado em Londres (1841), proclamando como princípio de direito público europeu o fechamento dessas vias aos navios de guerra. Pouco depois, para neutralizar o Mar Negro, o Tratado de Paris (1850) determinava que os Impérios

Russo e Otomano só poderiam manter na área seis navios de guerra. Em seqüência à *Geopolítica do Controle*, o Convênio de Londres (1917) concedia ao Império Otomano permissão para, em tempo de paz, abrir os Estreitos aos navios de guerra das potências aliadas.

Com a desagregação do Império Otomano e conseqüente aparecimento da Bulgária e da Romênia, o Mar Negro perdia a sua posição geopolítica de neutralidade, transformando-se em artéria livre. Firmava-se o Tratado de Lausanne (1923) desmilitarizando os Estreitos, que ficavam liberados para as marinhas de todo o mundo, cabendo à Convenção de Montreux (1936) reconhecer a completa liberdade de navegação para as marinhas mercantes, embora concedendo à Turquia o direito de fortificá-los, para melhor controle em tempo de guerra.

Comunicando os mares Egeu e Marmara, o Estreito de Dardanelos tem cerca de 60km de comprimento, com larguras variando dos 1,5 aos 7km. Já o de Bósforo, com 30km de comprimento e larguras dos 300 aos 3.000 metros, une Marmara ao Mar Negro.

Na margem ocidental do Bósforo está *Istantambul*, que já se denominou Constantinopla como capital do Império Otomano, e Bizâncio como centro administrativo do Império Romano do Oriente. Numa bafa profunda — o Corno de Ouro —, Istantambul oferece fácil aportagem; seu nome é corruptela da expressão grega *is tan bolin* — significando “na cidade”, resposta que davam os antigos habitantes aos recém-

chegados, desejosos de saber onde se encontravam.

Detentora dos Dardanelos e Bósforo, a Turquia, no decorrer da "Guerra Fria" foi importante peça da OTAN, no estrangulamento da URSS, pelo controle que essas vias exercem na navegação entre os Mares Mediterrâneo e Negro, no geoestratégico cruzamento de rotas entre a Ásia e Europa. Ao se iniciar a década de 90, o Mar Negro transformou-se no ponto de enlace entre a Turquia, ao sul, a Ucrânia/Rússia, ao norte, os Balcans, no oeste, e a Caucásia, no leste.

Em turco, *Balcans* significa montanhas, topônimo justificado para a mais oriental das penínsulas mediterrâneas, dividida na esfera geopolítica da Iugoslávia (em processo de desintegração), Albânia, Grécia, Bulgária, Romênia e Turquia. Da superfície desse complexo geográfico, 2/3 se apresentam com a média dos 500 metros de altitude; enquanto 43% é pobre em terras cultiváveis, sem proporcionar colheitas regulares e suficientes, mas de subsolo rico em minerais metálicos.

Dentro do aspecto geo-histórico, pelo aspecto montanhoso, a região serviu de *refúgio e centro de caldeamento das nacionalidades grega e eslava, durante a dominação turco otomana.*

Como frente de batalha, as fronteiras daí muito mudaram ao sabor das armas. Conseqüentemente, sem unidade política nem étnico-lingüística, os países aí instalados foram sempre meros expedientes da História.

Congregando eslovenos, sérvios, croatas, bósnios, macedônios, albane-

ses, búlgaros e até rumanos (estes considerados a "ilha latina num mar de eslavos"), as origens desses povos se perdem num *panorama étnico dos mais complexos.* É panorama produzido pela *sucessão de impérios* que se formam e se esfacelam desde a Idade Média — primeiro o Império dos Búlgaros, destruído pelo Império Bizantino; dos séculos XII ao XV chega a vez do Império Sérvio, desmontado pelo Império Otomano.

Dos avanços e recuos históricos restariam, frente a frente, *cristãos ortodoxos e islâmicos.* E, nesse embate, é importante ressaltar as diferenças exercidas durante a implantação do domínio otomano. Assim, a Bósnia-Herzegovina¹ e a Albânia se converteram, em massa, ao islamismo; já na Bulgária, Sérvia e Macedônia, liquidada a antiga nobreza na guerra de conquista, instalava-se no poder a classe dirigente turca; enquanto na Moldávia e Valáquia mantinha-se a velha nobreza pagando tributos ao sultão e suborno aos oficiais locais.

Mistura étnica sem paralelo, ponto de encontro e conflito entre a Europa e o Oriente, à medida que o Império Otomano decaía, os Balcans se transformavam no pomo da discórdia entre os Império Russo e Austro-Húngaro. Conseqüentemente, até a Primeira Guerra Mundial, a Geopolítica dos Balcans, transformada em *campo de rivalidades e interesses,* foi pontilhada de guerras, alianças, pactos secretos, in-

1. Af os muçulmanos ou eslavos islamizados representam 44% da população ao lado dos sérvios (31,5%) e croatas (18%).

vasões e partilhas — tudo profetizado por Bismark em 1897 ao dizer: “Alguns loucura nos Balcans acabará por deflagrar um conflito mundial.” E foi justamente em Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, que o assassinato de Francisco Ferdinando, Príncipe Herdeiro do Império Austro-Húngaro, ao qual estava anexada, faria desencadear o conflito de 1914-18.

Terminada a guerra, desmembrava-se o Império Austro-Húngaro, proclamando-se a república nos dois países. Por sua vez, o *Tratado de Saint Germain* (setembro de 1919) obrigava a República da Áustria a reconhecer a independência dos povos eslavos. Com isso, a *Sérvia*, recompensada pelo apoio aos Aliados, conseguia unificar na Iugoslávia (que significa eslavos do sul) parte desse grupo étnico, surgindo ainda a Albânia, a România e a Bul-

gária, enquanto renascia a Grécia.

Na Segunda Guerra Mundial, os alemães tiveram que abrir uma frente de batalha nos Balcans, invadindo a Iugoslávia e a România para atingir a Grécia, onde seus aliados italianos haviam sofrido grande derrota. Valendo-se da situação, a Rússia reclama para si a Bulgária e o controle dos Estreitos de Dardanelos e Bósforos. Não acatando as exigências de Molotov e abandonando os conselhos de seus estrategistas, Hitler rompe o pacto de não agressão, firmado em 1º de maio de 1941, e ataca a Rússia, que passa para o lado dos Aliados.

A paz de 1945, em suas cláusulas territoriais, determinava que a Itália, vencida, conservaria Trieste, mas perdia toda a Istria para a Iugoslávia, bem como as ilhas do Dodecaneso para a Grécia. Caberia à Hungria restituir a



Transilvânia para a Romênia, enquanto este país entregava a Bessarábia para a Rússia.

Assim, dos ajustes e reajustes, numa troca de populações como se fossem cabeças de gado, os países dos Balcãs, com exceção da Grécia, vivendo no regime comunista e dentro do comunismo, se mantiveram como "barris de pólvora" que começaram a explodir, sobretudo na enigmática Iugoslávia, com o esfacelamento do Império Soviético, em 1990. A partir de então, retornando ao Mundo Ocidental, passando a fazer parte da Europa, os *países balcânicos subsistem, como todo o leste do continente, dentro do subdesenvolvimento*, no revisionismo da Nova Ordem Mundial.

A *Caucásia*, situada entre os Mares Negro e Cáspio, toma regionalmente esse nome pela presença do maciço montanhoso — o Grande Cáucaso, que se estende por 1.280km, com larguras variando dos 60 aos 260km (Mapa 3).

Entre a Turquia e o Iran, no sul dessa zona montanhosa, se localizam três repúblicas da extinta URSS — a Geórgia, a Armênia e o Azerbaidjão, em meio a "quistos geopolíticos", refletindo, na pluralidade estatal, a dispersão política e função desagregadora exercida pela montanha.

Assim, a *Geórgia*, condicionada pelo parcelamento do relevo, abriga, além dos georgianos ou karthli, também armênios, russos e ossetianos. Com capital em Tbilisi, engloba dentro de seu território o Abkhaz e Adznar, que lhe fecham praticamente as fronteiras

no Mar Negro; no interior se encontra a Osétia do Sul² em comunicação com a do Norte, esta já em território russo.

Limita-se a Geórgia com a *Armênia*, localizada mais para o sudoeste, se defrontando com o Iran. Essa fronteira é repartida em dois pequenos trechos pela interposição do *Nakhichevan*,³ república autônoma, dependente do *Azerbaidjão*, tendo como fiadora a Turquia. Dentro do labirinto geopolítico, o território armênio se estreita ao se aproximar de *Nagorno-Karabakh*, anexado ao Azerbaidjão, como república autônoma em 1920, mas disputada pelo governo de Yerevan. No confronto entre essas duas repúblicas autônomas, um corredor poderia ser estabelecido para a ligação do Nakhichevan (onde não vivem mais os armênios) e o Azerbaidjão, enquanto outro seria aberto entre o Nagorno-Karabakh (onde convivem 120.000 armênios e 40.000 azerbaijanos) e a Armênia. No entanto, o Governo de Yerevan não aceita essa troca, pois perderia a sua janela para o Iran, no pequeno trecho de fronteira que ainda lhe resta.

Como os judeus, os armênios também estão muito espalhados pelo mundo. Combatidos pelos turcos, quase que exterminados, conservaram

2. Os ossetios, descendentes dos alanos e citas, majoritariamente cristãos, porém parcialmente islamizados, são 600.000 integrados a CEI e 100.000 ainda dentro da Geórgia, embora, desde dezembro de 1991, estes últimos tenham proclamado unilateralmente a sua independência.

3. Proclamou-se independente em janeiro de 1990, onde os muçulmanos são em geral da seita xiita, ligados ao Iran.

a sua fé cristã. Daí contrastar com o Azerbaijão, uma das mais ricas regiões petrolíferas do Globo, de maioria muçulmana, com fronteira dividida entre o Iran e o Mar Cáspio.

Ainda por ajustar suas "velhas contas nacionais", aos cinco "quistos geopolíticos" existentes nessas repúblicas caucásicas, se somam outros três dentro da Rússia: o Adyge, o Cherkessk e a Osétia do Norte.

À semelhança dos Balcans, essa Caucásia que se procura unir numa Aliança, é, na realidade, outro autêntico "barril de pólvora". Tanto assim, que há um século os conflitos sangrentos dessa região foram tema de um clássico da literatura — "Guerra e Paz", do romancista russo Leon Tolstói.

Com a ocupação da área pela URSS, o problema foi temporizado pelo governo forte e centralizado de Moscou, o que já não ocorre desde 1990, com a dissolução da União e a formação da CEI (Comunidade de Estados Independentes).

A Caucásia é habitada por cerca de 50 povos diferentes, espalhados pelas repúblicas e "quistos geopolíticos". Assim, cristãos armênios lutam contra azerbaijanos muçulmanos, defendendo seus respectivos povos que coabitam o Nagorno Karabakh, enclave montanhoso de 4.400km². Por sua vez, azerbaijanos disputam, no norte, terras com os lezguins e, no sul, com os talish e curdos. E, se convivem no Azerbaijão com os georgianos que adotaram a fé islâmica, os azerbaijanos também coabitam com os cristãos no setor leste da Geórgia.

Nessa troca do lá e cá, o perigo de um suposto fervor nacionalista pode vir tumultuar ainda mais a região.

Os georgianos, por sua vez, dividem seu território com os adzharis, os abkhazis, os armênios, os russos e os osétios. Seguindo o exemplo dos osétios do sul, os do norte proclamaram sua independência em maio de 1992, cimentando sua união com a CEI. Complementa ainda mais esse conturbado quadro, dentro do território da Rússia, os chechênios-ingusétios, com base em Groznyy, que se declararam independentes em março de 1992, lutando contra Moscou para que seja delimitado o seu território. Ainda não satisfeitos os ingusétios, reclamam também o território de Vladikavkaz, sua terra sagrada, que Stalin, em 1944, anexou à Osétia do Norte.

Não são também muito amistosas as relações entre a Ucrânia e a Rússia, com a retirada da primeira da CEI. A geoestratégica *Península da Criméia* é o pivô do confronto; a Rússia a deseja de volta, pois a anexação desse território foi decidida em 1954, pelo então líder soviético ucraniano, Nikita Krutchev, como presente à Kiev pelos 300 anos de união eslava.

A declaração de independência da Ucrânia, a 5 de maio de 1992, pôs em destaque a problemática da Criméia, que se adentra no Mar Negro isolando a Bacia do Azof, e que, por seu posicionamento geoestratégico, possui, em *Sebastopol*, uma das bases navais mais importantes da antiga URSS. Povoadora por 60% de russos, transformouse em região autônoma, acirrando os ânimos entre Kiev e Moscou.

Curiosamente, Kiev e Moscou foram os núcleos geo-históricos do Império Russo, gerando duas nações co-irmãs. Com o Principado de Moscou tornando-se mais importante, os cossacos ucranianos se colocaram, em 1654, sob sua proteção. Assim, a Ucrânia, a despeito de suas tendências autonomistas nos anos 90, pela vivência de séculos com a Rússia, tem com esta muita coisa em comum.

Além da importância geoestratégica, já que a Ucrânia e o Kazaquistão dividiam com a Rússia o arsenal nuclear da antiga URSS, essa república do Mar Negro é a responsável por mais de 65% da produção de açúcar, 30% dos cereais e 25% da carne consumida pelo conjunto. Possui gás natural, petróleo e carvão, mas sua vulnerabilidade se atém ao fato de o seu território haver sido formado às custas do de outros países. Assim, a Ucrânia Ocidental pertencia à Polônia até novembro de 1939, parte da Romênia foi incorporada em junho de 1940, enquanto trecho da própria Rússia, abaixo dos Carpatos, foi anexado em junho de 1945. Eis aí outro intrincado "quebra-cabeças" de uma geopolítica fluando no tempo, feito pela vontade de homens, sem o aval das populações.

Outra incógnita se encontra na *Moldávia*, onde russos e ucranianos se opõem ao governo separatista moldavo, desde dezembro de 1991. A Moldávia pertenceu à Romênia até 1944, quando a URSS cedeu parte de seu território, no norte e no sul, à Ucrânia, mas acrescentou-lhe, como compensação, a região habitada por

eslavos, a Transnístria, no leste do Dniester. Caberia a essa região, onde os russófonos receberam apoio da Ucrânia, se separar da Moldávia, criando mais um foco de tensão na área. Tensão que já era de se esperar, pois como a maioria dos moldavos é de origem rumena, os descendentes dos eslavos tendem bem mais para a CEI, temerosos da união da Moldávia com a Romênia.

Conclui-se, então, que essas *chamadas "guerras de quintal"* são produtos de anexações e arranjos políticos, que não levaram em conta estabelecimentos humanos em processos históricos já consagrados. Tudo que foi feito ficou, por algum tempo, no compasso de espera, na estagnação, por serem *fronteiras internas da URSS*, delimitando simples repúblicas federadas, sem grandes poderes decisórios. Esses aviltamentos geopolíticos foram de tal ordem, com delimitações mudando tanto ao longo dos anos, que *as etnias que aí subsistiram raramente possuem fronteiras geo-históricas naturais*, gerando, pois, conflitos intrincados.

Sob o ponto de vista político, são considerados países balcânicos, além da Romênia e Bulgária, também a Iugoslávia (em fase de esfacelamento), a Turquia Européia, a Grécia e a Albânia. No entanto, dentro do aspecto geográfico, os Balcãs têm limites mais reduzidos, já que a Romênia e parte da Iugoslávia se incluem entre os países danubianos.

Dentro do aspecto geopolítico, no Mediterrâneo Oriental, a *Península dos Balcãs se constitui numa ponte da Eu-*

ropa para a Ásia, escalonada por numerosas ilhas que povoam o Egeu. No norte, entre os Mares Adriático e Negro, a península é larga e contínua, destacando-se do continente europeu pelos rios Sava e Danúbio. Para o sul, vai se estreitando, tornando-se muito digitada na Grécia, com a vantagem da maior possibilidade no intercâmbio comercial, mas, em tempo de guerra, na desvantagem de facilitar invasões.

O aspecto geral geográfico dos Balcans *contribui para uma geopolítica de confronto*, tornando a área aberta a toda classe de pressões e influências, zona de constantes invasões, e palco de variadas lutas, sobretudo entre cristãos e muçulmanos.

Vários povos buscaram aí acolhida, entre eles seis ramos principais: os gregos, descendentes dos antigos, embora bastante misturados a outras raças; os valacos ou rumenos, latinizados; os albaneses, descendentes dos antigos ilírios; os sérvios, autênticos eslavos chegados no século VI; os búlgaros, mongóis eslavizados, instalados no século VI; e os turcos otomanos, dominadores a partir do século XIV.

Situada nos Balcans, a Rumânia limita-se com a Rússia, Hungria, Iugoslávia e Bulgária. Pouco menor que o nosso Estado de S. Paulo (247.222km²), limita-se com quatro países, com litoral no Mar Negro bastante reduzido, quando perdeu a Bessarábia, na Segunda Guerra Mundial, para a Rússia, e parte da Dobrudja para a Bulgária, conseguindo manter a embocadura do Danúbio, que obteve em 1919.

O ideal nacionalista rumeno é he-

rança bizantina. Embora o latim tenha caído em desuso, esse povo guarda o nome de *rhumaiot* e, sem abdicar de sua origem latina, herdou o nome de *Rhumania*.⁴ Quando os eslavos ocuparam as províncias romanizadas do sul e oeste do Danúbio, os rumenos se isolaram nas montanhas carpáticas, formando uma ilha de latinidade entre os invasores, sendo, entre todos os povos de origem neolatina, talvez o que mais fez da conservação da língua uma lição perene de conscientização da identidade cultural.

Em contrapartida, os búlgaros, de origem turco-mongólica, considerados herdeiros dos hunos, uniam-se aos eslavos para formarem, ainda no século VIII, o primeiro grande Estado nos Balcans. Esse território fez parte dos Impérios Bizantino e Otomano, e só retomou a sua consciência nacional em 1876, no momento em que os russos desejaram pôr as mãos nos Estreitos de Dardanelos e Bósforo. Com Moscou fomentando o levante contra o jugo otomano, se daria a intervenção da Rússia, em defesa dos búlgaros, seus irmãos na crença cristã ortodoxa, contra o inimigo comum muçulmano. Vencidos os otomanos, o Tratado de San Stefano (1878) fazia nascer a *Bulgária* autônoma, incluindo parte da Grécia, para se chegar ao Egeu e Mediterrâneo.

Dentro do enfoque geoestratégico, para impedir a chegada da Rússia a esses mares, a Europa Ocidental, reunida

4. Daí o mais certo topônimo para o país ser Rumânia, como sempre o foi em português, e não Romênia, como se quer impôr mais recentemente.

no Congresso de Berlim (1878), subtrai o acesso da Bulgária ao Egeu, dividindo-se em duas: no norte da Cadeia Balcânica instalava-se o Principado vassalo do Sultão e, no sul, a Rumélia, com governo cristão designado pelo poder otomano. Tal expediente da História deveria ter pouca duração (1885), com a revolta das duas regiões que a diplomacia européia impusera, mas que os passos balcânicos jamais isolaram.

A partir de então, a existência da Bulgária ficaria condicionada à rivalidade entre os Impérios Russo e Austro-Húngaro, regulamentando os avanços e recuos de sua fronteira sobre o Egeu. Foi, sobretudo, depois da Segunda Guerra Mundial, que a Bulgária passou a se constituir numa das peças de importância na estratégia da URSS no sudeste europeu. Seu valor geoestratégico fundamentava-se no fato de o Kremlin sentir-se inseguro na Iugoslávia, e não poder contar com a Grécia e a Turquia, comprometidas com a OTAN.

A maciça muralha formada pelos Alpes Albaneses, que se estendem pela costa ocidental dos Balcans, do Lago Scutari até o Cabo Lingueta, serviria como fortaleza natural de refúgio para o povo albanês. Caberia, assim, à Geografia, transformar a *Albânia* numa das mais fechadas e inacessíveis regiões da Europa. Afastadas uma das outras, as principais cidades do país, inclusive Tirana, a capital, são interiorizadas, destacando, no litoral, apenas Durazzo. Como criadores de gado, os albaneses, no nomadismo de suas comunicações, justificam, em grande

parte, a existência do fator unitário entre eles.

Nos dias de hoje, a despeito de tal posicionamento e unidade, *os conflitos na acomodação de fronteiras* poderão atingir a Albânia, já que os sérvios que nunca tiveram clara expansão territorial, poderão querer acertar suas contas em Kossovo, ocupado por maioria albanesa, que consideram como seu núcleo geo-histórico.

Já a vizinha *Grécia*, na projeção meridional dos Balcans, teria seu destino ligado a três aspectos geopolíticos — o continental, o peninsular e o insular. O litoral bastante recortado propiciaria a penetração do mar em todas as sinuosidades, deixando pouco espaço para as planícies. Os vales e anfiteatros abertos para o mar, descerraram a Grécia e determinaram o seu esfacelamento político. Conseqüentemente, cada uma das três Grécias teria o seu papel geopolítico na evolução da nação, tantas vezes em conflitos e guerras civis. Em contrapartida, pela projeção meridional de seu posicionamento nos Balcans, a Grécia ficou resguardada das numerosas invasões vindas do interior, conseguindo, por isso, manter *uma quase exclusividade exterior de sua própria população original*, possuindo em seu território minorias alienígenas relativamente insignificantes.

A *Turquia*, o que restou do vasto Império Otomano, procura hoje, tanto nos Balcans quanto na Caucásia, como potência regional e nação emergente, exercer sua influência no que se esfacelou da URSS e no que resta a CEI.

Por isso, se aproximou da Bulgária, onde existe minoria turca atuante; da România, onde inúmeros comerciantes são seus súditos; da Albânia e Caucásia, que buscam seu apoio; e de seus irmãos de crença que na Bósnia-Herzegovina⁵ se insurgiram contra os sérvios, centralizadores de uma Iugoslávia que se esfacela.

Isolada pela Geografia e pelo mundo comunista por mais de 70 anos, a Turquia procura com atraso entrar no século XX, para sobreviver no XXI. Emerge assim, como *potência regional* em posicionamento entre a Europa e a Ásia, como *ponte de certa solidez*, em competição aberta com o Iran e a China. Leva a Turquia a vantagem de haver sido peça-chave na geoestratégia da OTAN, contando assim com maiores chances de um ingresso na CEE — sem se esquecer de que cerca de 3 milhões de trabalhadores turcos vivem na Europa, metade dos quais na Alemanha.

País entre o leste e o oeste, além de possuir seus naturais no Iran e China, conta com vários outros milhares espalhados pelas ex-repúblicas soviéticas na Ásia Central, onde seu canal de televisão Ayrasya, transmitido por satélite, abrange 98% de espectadores.

5. Majoritários no Parlamento, os muçulmanos da Bósnia-Herzegovina decidiram entrar no jogo da secessão que vem esfacelando a Iugoslávia; por sua vez, os sérvios e croatas da região se recusam a viver sob o jugo islâmico, acatando um Estado cantonalizado, dividido em cantões à semelhança da Suíça, para melhor proteção da mistura étnica. Daí os conflitos e a intromissão das forças federais de Belgrado.

Nessa mesma Ásia Central, onde no século XIX a ofensiva diplomática dos russos e países europeus ficou conhecida como o "Grande Jogo", tem na Turquia, agora, como principais competidores, além da própria Rússia, ainda o Iran e a China. Nesse contexto, as vantagens para a Turquia estão na ortodoxia religiosa de um Iran xiita, no maior afastamento geográfico da China, e na desagregação do Império que a Rússia centralizou. Conta, pois, o posicionamento da Turquia, já que uma vez conquistada a união do Mar Negro, será mais fácil e barato entrar e sair da Ásia Central via Istambul do que via Moscou.

Não tendo sido convidado para entrar na Aliança, o Iran vê o ideal da Turquia como praticamente impossível, enquanto não houver estabilidades internas e redução das tensões causadas pelas disputas étnicas e territoriais entre os associados do Mar Negro.

Para a Turquia, embora sem pujança suficiente para levantar a economia combatida dos parceiros, o objetivo da Aliança do Mar Negro é o de estabelecer a livre circulação de pessoas, bens e serviços, para estimular o setor privado a fim de transformar toda a área que vai dos Balcans ao Cáucaso, num *complexo ecopolítico que possa vir a complementar a CEE*. O objetivo da Aliança do Mar Negro é o mesmo da CEE, embora a Nova Ordem recue, por vezes, nos limites europeus do leste, nos Balcans e no Cáucaso, onde se impõe o furor revisionista em direção do traçado de novas fronteiras internacionais.

Conclui-se, então, que a Aliança do Mar Negro, em sua essência, procura englobar *uma área geopolítica-mente instável, mas geoestrategicamente importante*, atendo-se à Nova Ordem Internacional, cuja lógica vem sendo a da formação de Grandes Blo-

cos. E se os Blocos da CEE e do Mar Negro conseguirem um dia se entrosar de fato, estará concretizada a idéia de Kjellen, de que o destino da Alemanha seria o de dominar um espaço vital que se estenderia da Escandinávia até Bagdad.



THEREZINHA DE CASTRO — *Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Conferencista de Geopolítica na ECEME e ECEMAR. Professora de História do Colégio Pedro II. Entre suas obras destacam-se: "Rumo à Antártica", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "Geopolítica: Princípios, Meios e Fins" e outras.*

TRANQUILIDADE

É O QUE VOCÊ
CONQUISTA QUANDO
SE ASSOCIA AO GBOEX.



**GRÊMIO
BENEFICENTE**